

ESTIGMA E VIOLÊNCIA: O IMPACTO NOS CORPOS DE PÓS-GRADUANDOS DESVIANTES DA HETERONORMA

João Gabriel Souza Freitas¹
Fernanda Malinosky Coelho da Rosa²

Eixo 6 – Gênero, Diversidade, Diferenças e Inclusão

Resumo: O texto é baseado em uma pesquisa inicial que surgiu a partir das inquietações do primeiro autor sobre a escassez de estudos que relacionassem a comunidade LGBTQIA+ e a Educação Matemática nos Programas de Pós-Graduação em Educação Matemática do Brasil. Assim, entendemos que as experiências dessas pessoas devem ser narradas para desafiar as concepções da Matemática como uma ciência alheia às questões sociais. O objetivo do estudo e em questão é compreender como os processos de exclusão, como pré-conceitos, violências e estigmas, afetam os corpos dos pós-graduandos e egressos que são considerados desviantes da heteronorma. Cabe esclarecer que, conforme define Louro (2004), "desviante" é compreendido como qualquer indivíduo que transgrida as fronteiras de gênero e/ou orientação sexual impostas como "naturais" pela sociedade. A pesquisa é de cunho qualitativo e utilizará narrativas (auto)biográficas que serão captadas por meio de *podcasts*. Ademais, podemos citar também a importância da discussão envolvendo gênero e sexualidade na Matemática, haja vista que entendemos essa ciência como não neutra, cujas discussões sociais podem, e devem, estar presentes nos ambientes formais e informais de ensino e aprendizagem. Desse modo, ações como pré-conceito e *bullying* podem se tornar menos frequentes nesses ambientes.

Palavras-chave: Gênero; Sexualidade; Interseccionalidade; Bullying.

Introdução

Neste artigo vamos discorrer a respeito de uma pesquisa de mestrado, em fase inicial, que surge de preocupações ressaltadas por Freitas (2022) a respeito das temáticas de gênero e sexualidade que atravessam/atravessaram as vivências de pessoas que cursaram Matemática Licenciatura. Assim, optamos por continuar as pesquisas nessa área tendo como foco a pós-graduação em Educação Matemática.

Desse modo, a pesquisa de mestrado busca entender como pré-conceitos e *bullying* afetam/afetaram corpos de pós-graduandos e egressos que se consideram indivíduos LGBTQIA+ ou que se identificam com gêneros e/ou sexualidades desviantes. Posteriormente, vamos desenvolver o significado adotado para o termo "desviantes" e o significado das letras da sigla.

Sendo assim, para esta produção optamos por utilizar a sigla LGBTQIA+ que representa outros gêneros e sexualidades que fogem do binarismo cis-heteronormativo homem/mulher heterossexual, e entendemos as letras da sigla como: L: lésbicas, G: gays, B: bissexuais, T: transsexuais, Q: *queer*, I: intersexo, A: assexual e +: outras variações de gênero e sexualidade não mencionadas (Silva, 2020).

¹ Acadêmico do curso de Mestrado em Educação Matemática, do Programa de Pós-graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Participante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática, Diversidade e Diferença (GEduMaD).

² Professora Doutora do Instituto de Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática, Diversidade e Diferença (GEduMaD).

Ademais, ao tratarmos de gêneros e/ou sexualidades “desviantes” estamos considerando que a cis-heteronorma é posta como padrão social (Reis; Esquincalha, 2022). Logo, quaisquer indivíduos que desviem dos gêneros masculino/feminino e/ou da heterossexualidade podem ser compreendidos como sujeitos desviantes dessa norma (Louro, 2004).

Posto isso, pesquisas como a de Freitas (2022) e Guse (2022) realizaram uma revisão bibliográfica de trabalhos que relacionavam questões de gêneros, sexualidades e a Matemática. Ambos os autores defendem a importância de discussão dessa temática nos ambientes formais e informais de ensino e de aprendizagem dos alunos, haja vista que a Matemática é atravessada por diversos fatores que influenciam em sua aprendizagem.

Sendo assim, essa discussão é benéfica não apenas para o meio acadêmico, mas também para as pessoas LGBTQIA+ e para os indivíduos com gêneros e/ou sexualidades desviantes, pois auxilia na criação de redes de apoio e grupos de estudo que abordam o tema, como o MatematiQueer³, por exemplo, que produz pesquisas relacionando gênero, sexualidade e a Educação Matemática.

Ainda sobre isso, discutir gênero e sexualidade no ensino e na aprendizagem da Matemática pode auxiliar na desestigmatização do tema em ambientes escolares e não escolares na luta contra processos de violência como pré-conceitos e *bullying*.

A seguir, vamos apresentar algumas reflexões teórico-metodológicas sobre a utilização de narrativas (auto) bibliográficas em pesquisas que investigam como as situações de violências sofridas por estudantes em sua jornada acadêmica afetam esses corpos. Além disso, faremos uma breve discussão sobre as interseccionalidades presentes na Matemática. Enfim, serão apresentadas algumas perspectivas do que pode acontecer no caminho da escrita e o último tópico será destinado às referências bibliográficas.

Narrativa (auto)biográfica e o *podcast*

Para construção da pesquisa vamos utilizar a pesquisa (auto)biográficas, pois entendemos que essa metodologia abre espaço para que os interlocutores contem suas histórias livremente sem a necessidade de prender-se a perguntas ou temas previamente postos. Com isso, esperamos deixar os convidados confortáveis com o processo de produção dessas narrativas.

Com o objetivo de compreender a influência do preconceito e do *bullying*, pretendemos trabalhar em colaboração com os participantes para criar narrativas de vida. Essas histórias vão contar como esses fatores afetaram e continuam a afetar os corpos de pós-graduação e egressos em Educação Matemática. Acreditamos que essa abordagem nos permitirá obter uma visão mais profunda e significativa dessas experiências.

Ademais, temos os objetivos de identificar e problematizar essas situações de violências sofridas ao decorrer de sua jornada acadêmica, e por fim compreender as potencialidades do uso de imagens na constituição de narrativas e na rememoração de situações que afetam esses corpos.

Diante disso, Basso (2020, p. 10) argumenta que o principal objetivo dessa metodologia é: “[...] compreender e analisar as interfaces do indivíduo e do social, questionando as construções biográficas individuais em seus contextos e seus

³ Grupo de Estudos de Gênero e Sexualidades em Educação Matemática do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ambientes”. De fato, esse questionamento faz com que o indivíduo busque na memória suas vivências para realizar tais compreensões, podendo (ou não) ressignificá-las.

Desse modo, para atingir os objetivos supracitados vamos utilizar as narrativas (auto)biográficas que serão captadas por meio de *podcast*, que entendemos como uma forma atual para captar a oralidade, vão narrar e reviver experiências acadêmicas e não acadêmicas que podem contribuir (ou não) com a desestigmatização de uma Educação Matemática sem interseções.

Outrossim, ao tratarmos do termo (auto)biográficas entre parêntesis, concordamos com Souza (2016, p. 145) quando diz que essas narrativas “[...] possibilitam analisar possíveis implicações da utilização deste recurso metodológico como fértil para a compreensão de memórias e histórias de escolarização de professores/professoras em processo de formação”.

Nesse sentido, entendemos que esse método proporciona aberturas para que os sentimentos do interlocutor possam fluir em seu relato para que as vivências possam ser recontadas, revividas e ressignificadas por uma nova perspectiva. Assim, “[...] a pesquisa (auto)biográfica configura um dispositivo, uma ferramenta de abertura e de passagem de intensidades e injunções que se colocam a falar através de ‘um’ sujeito” (Moura, 2004, p. 138).

Logo, para realização da proposta vamos utilizar o *podcast* pois acreditamos que ele possui potencialidades que vão atender às demandas supracitadas que podem criar vínculos entre apresentador, convidado e ouvinte. Ademais, o podcast cresceu muito com a vinda da pandemia de COVID-19, o que fez com que muitas pessoas utilizassem esse programa como forma de entretenimento.

Para este artigo entendemos o podcast como: “[...] um arquivo digital de áudio, disponível on-line, que, em vez de uma música, contém programas que podem se utilizar de falas, de músicas ou de ambos” (Freire, 2017, p. 56). Sendo assim, para sua realização, vamos utilizar o computador para captação e gravação do áudio e fones de ouvido para escutar a fala dos convidados.

Além disso, entendemos que a produção de um roteiro é bastante importante para que apresentador e convidado possam se orientar ao decorrer da gravação (Jesus, 2014). Posto isso, optamos por utilizar um roteiro de seis imagens ao invés de perguntas, pois percebemos que os interlocutores não ficam presos em suas falas ao decorrer da produção das narrativas.

Descrevendo o Caminho

Como já mencionado anteriormente a pesquisa será realizada com pós-graduandos e egressos em Educação Matemática, sendo assim, vamos encaminhar um formulário anônimo para os programas de pós-graduação do Brasil com o intuito de encontrar pessoas que possam colaborar com a pesquisa de mestrado e que demonstrem interesse em participar da elaboração de um *podcast*.

Em seguida, vamos entrar em contato com as pessoas que mostraram interesse em participar da pesquisa deixando algum canal de comunicação no formulário para que pudéssemos contatá-la afirmando seu interesse em participar da pesquisa. Além disso, o *podcast* será gravado e disponibilizado e publicado no *Spotify* e no *Youtube* como listado ou não listado, o que será acordado com os convidados.

Além disso, será disponibilizado no formulário um Termo de Compromisso ao qual o colaborador da pesquisa autoriza a utilização de trechos da narrativa na pesquisa, que serão coletadas por meio do *podcast* para produção de dados da pesquisa.

Agora, sobre o roteiro, serão separadas seis imagens distintas com o intuito de representar tópicos como: família, gênero, sexualidade e ambientes formais e informais

de ensino e aprendizagem. Essas figuras podem ser alteradas de acordo com a vontade do convidado, podendo ser substituídas por outras de sua escolha. O roteiro será apresentado ao convidado no máximo uma semana antes das gravações.

Nosso objetivo específico com esse roteiro é observar as potencialidades que as imagens possuem nas narrativas dos colaboradores da pesquisa, ademais entendemos que por este caminho os convidados não ficam presos a perguntas e respostas “corretas”. Entretanto, caso o interlocutor peça para que sejam elaboradas perguntas para o *podcast* as imagens serão substituídas assim como solicitado.

A realização do *podcast* será completamente online, sendo a gravação realizada por meio de aplicativos como o *Google Meet* e/ou *Anchor*, o convite será enviado para o canal de comunicação sinalizado pelo participante da pesquisa ao responder o formulário. A gravação será encaminhada para os convidados caso queiram fazer algum corte ou modificação para a publicação na internet.

Intersecções do gênero e sexualidade com a Educação Matemática

As análises de histórias de vida dão visibilidade às interseccionalidades entre raça, gênero e sexualidade, assim como ocorreu em Freitas (2022). Entendemos que gênero, sexualidade e Educação Matemática possuem ligação direta um com o outro. Assim, questionamos: como ensinar ou aprender matemática deixando todo o contexto de vida do aluno de lado? Essa é uma pergunta um pouco complicada que vamos tentar problematizar ao longo deste capítulo utilizando os atravessamentos da sala de aula.

Sendo assim, primeiramente precisamos deixar explícito o entendemos pelo termo “interseccionalidades”, para que em seguida possamos aprofundar mais as discussões que abordam a neutralidade da matemática. Desse modo, concordamos com Akotirene (2019) em um dos seus entendimentos a respeito da temática envolvendo gênero, sexualidade, raça e matemática:

A interseccionalidade impede aforismos matemáticos hierarquizantes ou comparativos. Em vez de somar identidades, analisa-se quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas, repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão, sob a forma de identidade (Akotirene, 2019, p. 27).

Com isso, entendemos que não é possível desvincular as vivências dos indivíduos da sala de aula de matemática, os contextos estão imbricados com essas pessoas e as aulas são atravessadas por situações que vão além dos muros da escola. Em decorrência disso, os alunos procuram modelos de formatação para se adequarem ao padrão heteropatriarcal imposto pela matemática.

Nessa perspectiva, é perceptível que há uma resistência ao tratar dos atravessamentos de gênero e sexualidade na matemática, isso torna-se mais evidente na Educação Matemática, cujo alguns defendem como uma ciência neutra e apolítica. Portanto, nessa visão a interseccionalidade é invisibilizada e essas discussões não deveriam estar presentes na sala de aula (Guse; Waise; Esquincalha, 2020).

Assim, as pessoas que não se adequam a formatação impostam pela cis-heteronormatividade são invalidadas e sofrem com pré-conceitos e discriminação, assim como Freitas (2022) mostra no relato de Lucas as vivências que este sofreu ao adentrar

em um curso de matemática em uma universidade. Esse relato nos mostra que raça, gênero, sexualidade e matemática possuem fortes conexões:

Não era a minha identidade, não era o que eu queria, eu queria estar daquele jeito, só que foi bem difícil porque os professores não olhavam para esses tipos de corpos na universidade, eles estavam olhando para outros tipos, para outras coisas, e aí foi difícil, porque eu enfrentei preconceitos, enfrentei homofobia e como eu sabia que a última coisa séria o cabelo, foi o momento aonde eu experimentei do racismo, novamente né porque eu já havia experimentado isso antes, e assim quando eu digo desse racismo não foi aquela coisa escancarada, foi sutil, nas entrelinhas (Freitas, 2022, p.43).

Nesse relato podemos observar que as questões de raça, gênero e sexualidade estão imbricadas com a matemática, seja na forma como a disciplina é apresentada ou no comportamento daqueles que a ministram. No caso a interseccionalidade está presente de uma maneira negativa, cujo racismo, homofobia e matemática estão intimamente ligados na relação de poder posta entre o professor de matemática e aluno.

Enfim, concordamos com Akotinere (2019) sobre a interseccionalidade estar presente em muitas outras áreas da nossa vida, inclusive na Educação Matemática, pois não é possível abdicar-se das experiências para poder participar de uma aula ou de um determinado grupo. Raça, gênero, sexualidade fazem parte do ser, então por que não podem fazer parte da aula de matemática?

O fim da jornada?

Uma das conclusões que foram observadas no percurso do trabalho foi que as pesquisas encontradas eram de cunho qualitativo, sendo que muitas delas utilizavam a entrevista como recurso para produção de dados.

Ademais, podemos citar também a importância da discussão envolvendo gênero e sexualidade na Matemática, haja vista que entendemos essa ciência como não neutra, cujas discussões sociais podem, e devem, estar presentes nos ambientes formais e informais de ensino e aprendizagem. Desse modo, ações como pré-conceito e *bullying* podem se tornar menos frequentes nesses ambientes (Freitas, 2021).

Por fim, com esta pesquisa, esperamos contribuir com a visibilidade da temática de gênero e sexualidade na Educação Matemática mostrando relatos de pessoas LGBTQIA+ ou com gêneros e/ou sexualidades desviantes que enfrentaram/enfrentam processos de violências como estigma e *bullying* em ambientes formais e informais de aprendizagem, em especial da Matemática.

Além disso, também temos o objetivo de divulgar essa temática em ambientes acadêmicos em uma luta contra processos heteronormativos que são impostos pela sociedade a fim de deslegitimar assuntos como gênero e sexualidade. Essa discussão necessita crescer dentro da Educação Matemática para que pessoas consideradas “desviantes” possam (re)ivindicar seu espaço na academia.

Também entendemos que a discussão sobre gêneros e sexualidades é deveras importante para o ensino e aprendizagem dos alunos, haja vista que os processos de violência supracitados podem ocorrer dentro e fora da sala de aula. Outrossim, essa pauta pode contribuir para o currículo de professores que saberão (ou não) lidar com situações envolvendo gênero e sexualidade dentro da sala de aula.

Em suma, o diálogo sobre questões de gênero, sexualidade, pessoas LGBTQIA+ e indivíduos com gêneros e/ou sexualidades desviantes precisa de mais visibilidade não apenas na escola, mas também em Grupos de Trabalhos (GT) como o Grupo de

Trabalho Diferença, Inclusão e Educação Matemática (GT13) da Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM).

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/MEC – Brasil e com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.

Referências

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo, SP: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BASSO, F. P. **Característica da Abordagem (Auto)biográfica no Contexto Educacional**. In: ARAÚJO, J. P de; CARDOSO, R. T. O humano na pesquisa (auto)biográfica: diversidade de contextos e experiências. Jundiaí, Paco Editorial, 2020. p. 54-74.

ESQUINCALHA, A da. C. **Estudos de gênero e sexualidades em educação matemática: tensionamentos e possibilidades / organização Agnaldo da Conceição Esquincalha**. Brasília, v.25 : SBEM Nacional, 2022.

FREIRE, E. P. A. Podcast: breve história de uma nova tecnologia educacional. **Educação em Revista**, Marília, v.18, n.2, p. 55-70, Jul.-Dez. 2017.

FREITAS, J, G, S; ROSA, F. M. C da. Compreensões acerca dos processos de inclusão/exclusão relacionados à gênero e à sexualidade: uma análise de pesquisas. In: **Diversidades e práticas inovadoras**/organizado por Edvoneete Souza de Alencar. Iguatu, CE : Quipá Editora, 2021. p. 100-111.

FREITAS, J. G. S. Preto, Pobre, Gay e Professor de Matemática: um ecoar de uma voz, um corpo e uma Matemática in/exclusiva; **Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**, Campo Grande, p. 1-81, nov. 2022.

GUSE, H. B. **Pesquisas com Pessoas LGBTI+ no Campo da Educação Matemática: Indagando Processos de (Cis-Hetero)Normatização da Área**. 2022. 135 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) - Programa de Pós-graduação em Ensino da Matemática, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022. 135 f.

GUSE, H. B.; WAISE, T. S.; ESQUINCALHA, A. C. O que pensam licenciandos(as) em matemática sobre sua formação para lidar com a diversidade sexual e de gênero em sala de aula? **Revista Baiana de Educação Matemática**, [s. l.], v. 1, n. 1 p. 01-25, e202012, jan./dez., 2020.

JESUS, W. B de. **Podcast e Educação: Um Estudo de Caso**. 2014. 63 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” Instituto de Biociências, Rio Claro, 2014.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidades e teoria queer**. [S.I]. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MOURA, E. P. Da Pesquisa (Auto)biográfica à Cartografia: Desafios Epistemológicos no Campo da Psicologia. *In*: Abrahão, M. H. M. B. A. **Aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2004. p. 119-142.

REIS, W. S dos; ESQUINCALHA, A da. C. Por uma Virada Sociopolítica: A Importância da Discussão Sobre Gêneros e Sexualidades nas Aulas e na Pesquisa em (Educação) Matemática. *In*: ESQUINCALHA, A da. C. **Estudos de gênero e sexualidades em educação matemática: tensionamentos e possibilidades / organização** Agnaldo da Conceição Esquincalha. Brasília, v.25 : SBEM Nacional, 2022.

SILVA, G. Qual o Significado da Sigla LGBTQIA+? Entenda o significado de cada letra e a sua importância para o movimento. EducamaisBrasil, 2020.

SOUZA, E. C de. Pesquisa Narrativa e Escrita (Auto)biográfica: Interfaces Metodológicas e Formativas. *In*: SOUZA, E. C de; ABRAHÃO, M. H. M. B. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2016. p. 135-147.